



FUNGIMAGE: ADENTRANDO UMA POÉTICA DO TEMPO E DA MEMÓRIA

FUNGIMAGE: ENTERING A POETICS OF TIME AND MEMORY

Fabiane Urquhart Duarte¹

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Universidad de la Republica del Uruguay (UDELAR)

Indique com sim ou não

Associado/a/e ANPAP: Não

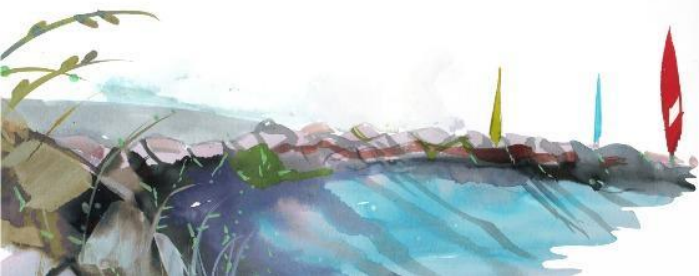
Resumo: O presente ensaio visual procura discutir em forma de relato o processo de observação e trabalho com as FUNGIMAGEs, palavra criada pela autora para conceituar as imagens transformadas pelos fungos do tempo e que se alojam em materiais analógicos. Através do encontro, se apresenta um poética do tempo e da memória, fazendo uma analogia entre os trabalho dos fungos na imagem e a impermanencia da memória, com o passar do tempo.

Palavras-chave: Arte Contemporânea. Fungimage. Tempo. Memória.

Abstract: *This visual essay seeks to discuss, in the form of a report, the process of observation and work with FUNGIMAGEs, a word created by the author to conceptualize the images transformed by the fungi of time and which are housed in analog materials. Through the encounter, a poetics of time and memory is presented, making an analogy between the work of the fungi in the image and the impermanence of memory, with the passing of time.*

Keywords: *Contemporary Art. Fungimage. Time. Memory.*

¹ Fabiane Urquhart Duarte, Fabi UD, é cineasta, artista, agente cultural, pesquisadora e doutoranda no PPGART da Universidade Federal de Santa Maria, vinculada ao LABINTER/UFSM, onde é orientada pela Dr^a. Andreia Machado Oliveira. Atualmente é docente adjunta na Universidad de la Republica del Uruguay (UDELAR) na Tecnicatura de Artes Plásticas y Visuales, campus RIVERA. URL do currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9598759866790442>



FUNGIMAGE: adentrando uma poética do tempo e da memória

A grande maioria das imagens, quando chegam não tem nome nem sobrenome, são como as memórias paralisadas dentro delas, que movimentam a curiosidade e a imaginação, criando histórias ou questionamentos internos sobre quem foram ou o que são. Não foi assim com as imagens chegadas a mim e que se transformaram em “FUNGIMAGE”. Estas chegaram como presente... um presente vinculado de afeto, vinculado de memória. Primeiro veio a história: eram diapositivos-slides, que contavam uma narrativa visual e sonora... a narrativa sonora gravada através de fita-cassete já tinha sido perdida, mas as imagens continuavam ali, aparentemente intactas. O material havia sido apresentado, em meados de 1999 na Universidad De la Republica del Uruguay em uma cadeira do curso de Comunicación, por Enrique da Rosa, detentor e produtor delas naquele momento. Eram três caixinhas verdes que me foram entregues pelo antigo dono. Quando abri a primeira, pude sentir o cheiro antigo que só exala de materiais que estão guardados há tempos. Mexer com imagens de arquivo é mexer com nosso aparelho sensório, primeiro o cheiro, depois o tato através do toque na matéria, logo o olhar que tenta explorar aquela imagem através da luz... Fica o gosto de querer transforma-lo, e por isso me aproprio, por isso me apropriei das imagens recebidas.

Apropriar é um verbo estranho, porque, em um primeiro momento, parece com algo não adequado: apropriação de terras, apropriação de dinheiro, apropriação de pessoas... a palavra apropriar está muito intrínseca na sociedade atual como algo mal feito... mas apropriar imagens tem outro sentido, quando trabalhamos com imagens de arquivo. Apropriar aqui é “dar vida”. Dar vida, transformando e ressignificando... As imagens a minha frente estavam tomadas de vida, e estavam sendo transformadas constantemente, mas não pela mão humana, e sim por um agente que trabalha de forma silenciosa: os fungos. Foram eles que me despertaram para a transformação e mutação da imagem.

Não é novidade que materiais antigos e mal conservados se deterioram, nem que pessoas transformam esse material ressignificando. Muitos movimentos atuais utilizam de materiais fotossensíveis considerados obsoletos para criar...

Criar e trabalhar com o tempo...

Tempo, algo indecifrável e ao qual não confrontamos, a não ser quando tentamos controlá-lo através do relógio. O tempo é voraz, o tempo transforma, o tempo é fungico...

O processo de trabalhar com materiais fotossensíveis obsoletos me toma, e assim, me tomam as imagens que estão sendo transformadas na minha frente.

Esses fungos que tomam a película em minhas mãos, são vida, são como metáforas do tempo, como agentes da impermanência.

As imagens são impermanentes, atravessadas pelo tempo, assim como nossas memórias. Elas se desgastam, se transformam e um dia, quem sabe, morrem... assim acontece com a vida... Impermanência

Impermanência. Palavra tomada do budismo, que demonstra que todas as coisas estão em constante transformação, nem sempre de forma visível... é o caso de nossas células que a cada segundo se modificam, envelhecendo ou se reestruturando... e o trabalho do fungo na imagem, transformando e reestruturando... Como vida, o fungo toma a matéria e cria cores, ele é presença na imagem, presença em contínuo processo, ele é processo... mutação...

A matéria tomada é arquivo, e assim, memória. DERRIDA (2001) irá dizer que todo arquivo é memória, já que é um registro do passado, registros que mantenho em caixas, que revejo em máquinas consideradas obsoletas e que tem como pulsão a luz.

Pulsão... pulsão que dá vida, que emerge, apesar dela também ser descrita como morte. O arquivo não é morto quando o olho, ou quando se toma pelos fungos. Ele é transformação.

Do primeiro contato, a limpeza, a separação do material e a escolha, me sinto uma cineasta - artesã, tal qual SCANSANI (2021) nomeia à aqueles que se apropriam de materiais analógicos, e esquecidos pelo tempo, e os transformam. Como uma catadora de imagens, resgato memórias e lembro do filme de Varda, "Os Catadores e Eu" (2000), onde a artista diz que "Um Glaneur é aquele que recolhe", ou seja, o catador é aquele que recolhe... recolho imagens.

Ao pensar em todos esses anos de recolhimento, observo que eu as recolho, mas são elas que me mostram como agir. Foi assim com as "FUNGIMAGES" se não fosse a imagem latente sendo decomposta pelos fungos, talvez este texto seria outro.

SHELDRAKE (2021) irá iniciar seu livro dizendo que enquanto escrevo esse texto, os fungos estão modificando a vida ao nosso redor. Eles são como as células do nosso corpo, não param de se transformar, de se estender, de se multiplicar. São metabólicos, segundo o autor, se adaptando a tudo, consumindo detritos, recuperando, procurando e se transformando... essa é a sua arte: transformar.

Transformar as imagens, utilizando meu, agora, material de arquivo, uma memória que não era minha, mas que se transformou em minha memória e em um pedaço de mim.

Por onde começar?

Pelos fungos, ou melhor, pelas FUNGIMAGES. Imagens que agora se multiplicam em cores na minha tela. São como esporos que vão se dispersando a cada pensamento, a cada movimentar da imagem. O formato se transforma também. O retangular da tela continua, mas também se transforma em circular, tal qual o olho da câmera, o olho do microscópio, o circular da placa de petri. A placa de petri é aquele recipiente utilizado para colocar os microorganismos no laboratório, como forma de observá-los e as vezes controlá-los. Ao trabalhar esse material, eu não somente observo, mas também controlo o que quero mostrar, o que quero da imagem. Do analógico sem controle dos fungos que invadem a imagem no contraponto da vida e morte, no digital, eu os controlo, paro o processo e reinicio um processo de transformação que eu limito.

Entre as formas de pensar a imagem, considero um triptíco de duas sequências imagéticas, não somente pela praticidade de concebê-lo, mas por que me lembra os triptícos de Varda. "Patatopia" (2003), triptíco de Varda com imagens de batatas, remetidas do filme "Os Catadores e Eu".

Penso no tempo... a poética do tempo que se dá na imagem, que carrega em minha tela, a desintegração da imagem primária, seu apagamento, tal qual nossas memórias. E a impermanência da imagem fica evidente. SIMONDON (2013) relata sobre o ciclo genético das imagens, pontuando alguns tipos de imagem formadas por nossas memórias através

de outros sentidos que não somente o da visão. Assim, nos serem humanos criariamos imagens a partir dessas percepções dos sentidos, como por exemplo, o cheiro de uma determinada comida, que remeteria a uma lembrança ou memória de algum lugar ou pessoa. Quando detenho as imagens com as quais trabalho penso nesse ciclo, pois apesar de não conhecer suas memórias ou lembranças reais, assim como quando olhamos para uma foto e recordamos o dia em que há tiramos, passo a criar uma memória, uma lembrança, quando transformo essas imagens. No caso das FUIRINGIMAGE, elas lembram da impermanência, elas transformam a imagem, transformam a memória ali contida e por fim o apagamento das imagens e a criação de algo novo.

Ciclo eterno e impermanente. Tentar manter essas memórias vivas em meio a morte pelo fungo, tentar preservá-las de alguma forma, brincar com elas, recriá-las... não deixar que morram, mas que se transformem...

Entre as várias contradições as quais passa esse trabalho, se juntam as incertezas e as novidades que dele emanam para continuar sua exploração. Sinto sim que as vezes é necessário um controle, um foco...mas é exatamente essa insegurança que faz com que eu não saiba seu resultado que deixa o processo mais transparente, mais fúngico, e é aí que está a essência da FUIRINGIMAGE e da impermanência, permeadas pela poética do tempo e da memória.



Imagem 1. Fungos do Tempo (imagem original: Enrique da Rosa), FUNGIMAGE 01, diapositiva com apropriação de fungos de película, 5 cm x 5 cm, Santana do Livramento, 2025. Foto: Fabi UD, 2025.



Imagem 2. Fungos do Tempo (imagem original: Enrique da Rosa), FUNGIMAGE 02, diapositiva com apropriação de fungos de película, 5 cm x 5 cm, Santana do Livramento, 2025. Foto: Fabi UD, 2025.



Imagem 3. Fungos do Tempo e Fabi UD, FUNGIMAGE 03, digital, 10 cm x 15 cm, Santana do Livramento, 2025. Foto: Fabi UD, 2025.

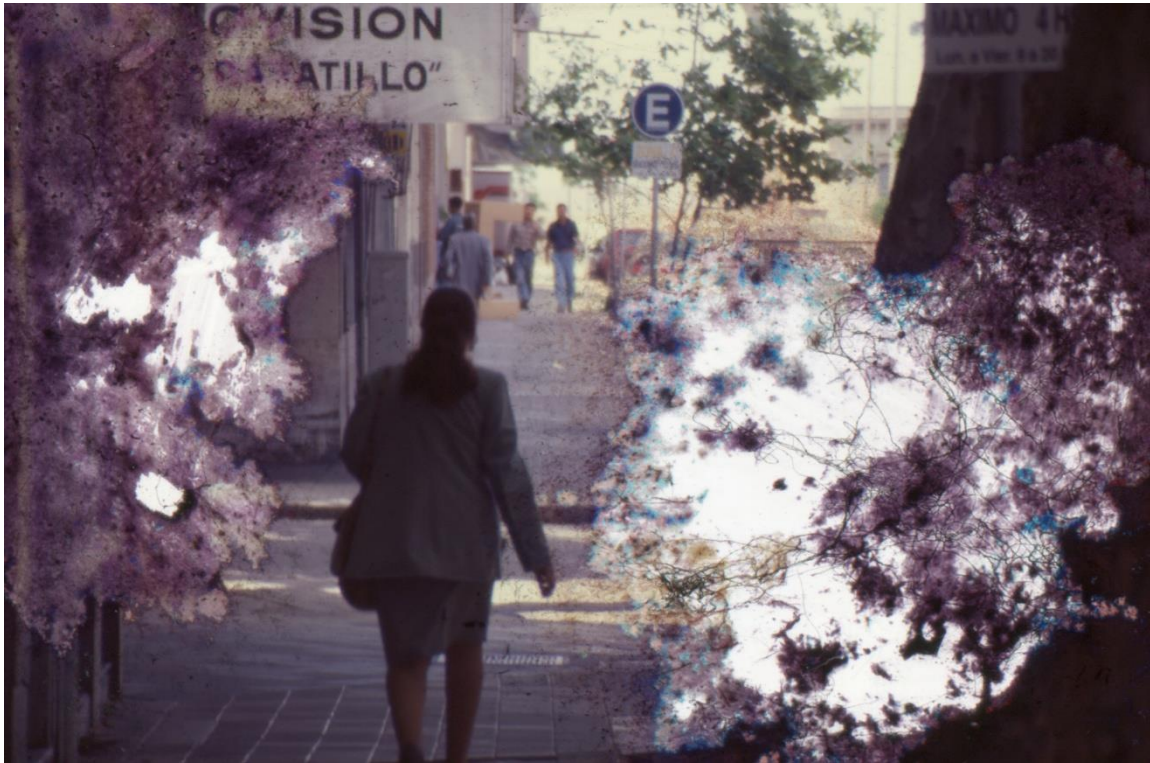


Imagem 4. Fungos do Tempo e Fabi UD, FUNGIMAGE 04, digital, 10 cm x 15 cm, Santana do Livramento, 2025. Foto: Fabi UD, 2025.

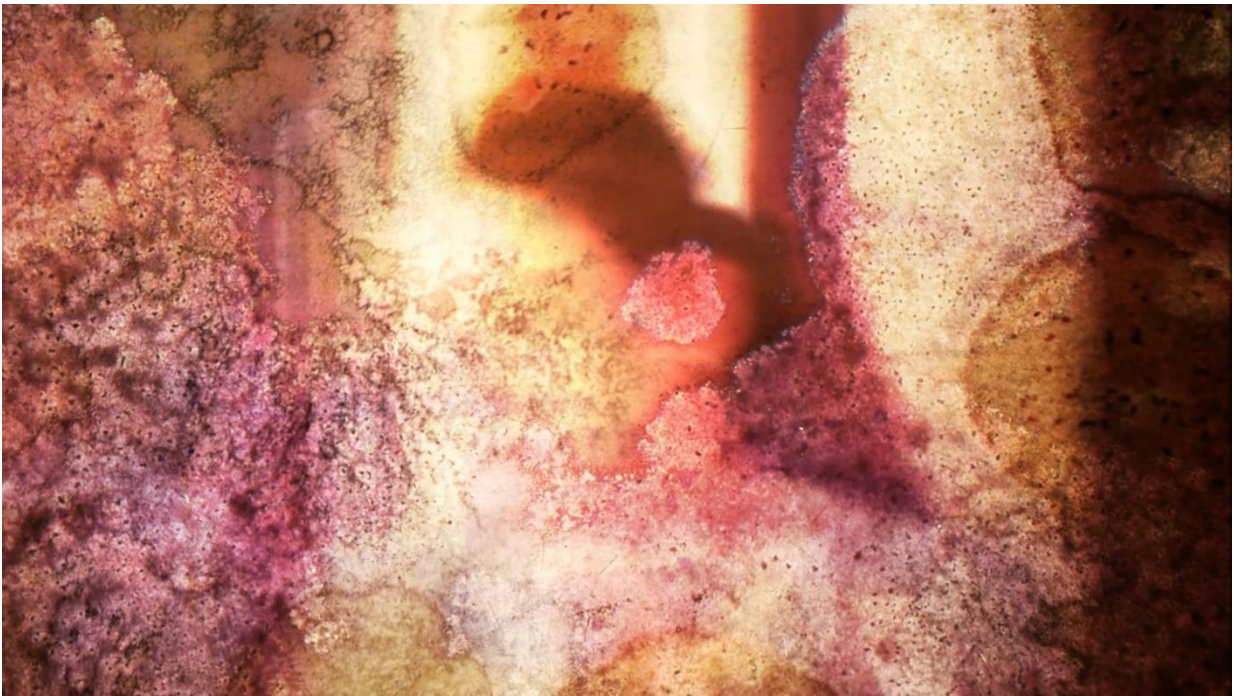


Imagem 5. Fabi UD, FUNGIMAGE 05, digital, 20 cm x 25 cm, Santana do Livramento, 2025. Foto: Fabi UD, 2025.



Imagem 6. Fabi UD, FUNGIMAGE 06, digital, 20 cm x 25 cm, Santana do Livramento, 2025. Foto: Fabi UD, 2025.



Referências

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. RJ: Relume Dumara, 2001.

SCANSANI, A. C. (2021). *A insurreição da imagem ou quando o cinema visita Raoul Ubu*. ARS (São Paulo), 19(41), 53-101.

SHELDRAKE, Merlin. *A trama da vida: como os fungos constroem o mundo*. São Paulo: Fósforo/Ubu Editora, 2021.

SIMONDON, Gilbert. *Imaginación e invención*. Buenos Aires: Cactus, 2013.